

O EGO

De modo geral, o contacto do Homem com a vida terrena onde a luta pela subsistência, o esforço de relacionamento com os seus semelhantes, o construir de uma personalidade adequada à estrutura social em que a vida decorre e a que se tem de submeter, desgastante e corrosiva, leva-o por vezes a intenso stress que o leva a afundar-se num precipício cuja escuridão constrói aquilo a que a ciência médica denomina de "depressão".

Pela experiência vivida dessa situação sabemos bem o sofrimento diversificado que ela arrasta pela incapacidade a que se chega perante os obstáculos da vida e os desenganos que nos são propostos.

A impotência perante os assuntos por resolver que leva a que não sejam encarados de frente, o sucumbir ao isolamento por descrença das reais capacidades humanas, a fuga a que se propõe não querendo falar ou ver ninguém, o desejo firme de desistir da vida pela perda da auto-estima adquire como resolução o próprio aniquilamento – o suicídio.

E há também aqueles que desertam do confronto e, movidos pela fuga, aderem a todos os vícios que lhes podem proporcionar o esquecer, abandonando-se ao alcoolismo, às drogas pesadas que, por momentos, aliviam a pressão do abandono próprio arrastando-os para as misérias mais degradantes e que, ao fim e ao cabo, os lançam no mesmo precipício com a ilusória ideia da aniquilação onde tudo acaba.

A sua ignorância da razão de ser da vida não o leva a compreender porque existe e pensa que, fugindo dela, tudo se resolve.

É nesta altura que a personalidade sofre a sua grande humilhação perante a fragilidade e ineficácia dos valores terrenos que tomou por orientação da forma de estar no mundo e que apenas o levou à descrença total dos desígnios da vida que se manifesta em si mesmo.

Mais tarde, o Homem, através da experientiação da vida nos mundos da forma, adquire o conhecimento vivido e chega à constatação que esse sofrimento foi a alavanca que levou a sua alma à transformação pela consciencialização dos verdadeiros valores da existência.

A ilusão da supressão da vida pela ignorância da sua infinitude leva o Homem a refugiar-se no abandono da luta para obter o conhecimento de si mesmo e vencer a atracção das solicitações efémeras dos mundos materiais que são as academias da aprendizagem da nossa natureza espiritual, com o intuito de acabar de vez com a vida.

E tudo isto pela estrutura social que o próprio Homem construiu ao longo de milénios

de competição pelos valores a que o desejo de posse e de poder o dirigiu.

É deste trajecto, de que se serve a Lei da Evolução, que apareceu o berço onde nasceu no Homem a resistência a que chamámos "Ego" para a depuração da alma da sua parte material, para que a sua consciencialização se efectue seguramente na experienciação vivida daquilo a que chamamos o Bem e o Mal. Porque o Ego não é mais que a manifestação dos desejos existentes na nossa alma na sua semi-materialidade constituindo assim a referência externa da nossa personalidade, que este expressa provindos da mente humana onde se armazenaram os valores do Mundo a que aderiu.

Com o avolumar da densidade de seres hominiais, sentiu o Homem, naturalmente, a necessidade de estabelecer regras comportamentais entre si – familiares, de tribos, de povos, de hierarquias, de divisão territorial, etc. – o que originou o desejo de posse, de poder que, por sua vez, fez desabrochar um eu fictício mas actuante, cheio de personalidade, construído sobre sentimentos de orgulho, de vaidade, de domínio sobre tudo e todos, repleto de conceitos, preceitos e preconceitos.

Desse modo, foi-se o Homem afastando do seu eu real, perdendo mesmo a noção da sua natureza espiritual, deixando-se conduzir pelo seu Ego físico, mental e emocional, cujos valores do mundo são a base da estrutura social que construiu com os resquícios dos sentimentos instintivos do animal.

E assim ficou o Homem possuidor de dois eus, o Eu superior, imanência da essência Divina, possuidor da consciência cósmica que actua no sentido da razão e o Eu criado pelo próprio homem, desenvolvido pelo seu Ego físico, mental e emocional, acolitado pelo intelecto, centrado no mundo e de tudo que o mundo lhe forneceu e que lhe deu prazer, comodidade e prestígio, dirigido ainda por instintos intelectualizados.

Era inevitável a luta interior do Homem entre estes dois "eus" que se degladiam com maior intensidade à medida que a evolução do Ser se eleva em consciência, visto o Ser ainda se movimentar no estágio evolutivo do homem/animal e estar sustentado com os valores sugeridos pela percepção dos sentidos – instinto e intelecto – que são os impulsadores do Ego e os valores do seu oponente serem sugeridos pela essência Divina que habita no Homem e pela inteligência que o anima.

A compreensão dos verdadeiros valores são uma criação do nosso eu cósmico que, na maior parte da humanidade, se acha em estado dormente e que apenas se manifesta num homem iniciado que esporadicamente aparece englobado na humanidade para ajudá-la no seu crescimento espiritual em completa dádiva de fraternidade.

Por isso nos deixou dito Paulo de Tarso: «Mas o homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, pois para ele são loucuras. Nem as pode compreender, porque é pelo Espírito que se devem ponderar» (1Cor 2,14). E assim é, porque as coisas do espírito só podem ser compreendidas espiritualmente.

Porque a criação está perfeitamente creada com um objectivo final devidamente estabelecido mas que os Seres em evolução não entendem e, por isso, duvidam e reclamam porque acham que a vida é uma loucura de sofrimento.

Isso informa Paulo de Tarso quando nos diz: «Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens.» (1Cor 1,25).

Como pode o Eu superior revelar a sua Sapiência e o seu Amor ao Ego quando este não tem as condições exigidas, pela sua ignorância hostil à sapiência e ao amor? Teremos que esperar até que o Ser, vivendo, adquira a possibilidade da transformação do Ego que, deixando de servir os valores dos mundos da forma, passe a servir os valores do Espírito Divino.

Quando isto acontecer o sofrimento e a chamada morte na vida terrena desaparecerão e serão abertas as portas para o Homem integral, pela visita do Espírito Divino à Alma Humana, porque não há caminho do Ego de baixo para cima mas só de cima para baixo, visto que não é o Homem que encontra Deus mas o Creador que se revela ao Homem em pleno merecimento humano.

Isto acontecerá quando o Ego se emancipar das ilusões periféricas e viajar para o seu centro verdadeiro, visto o Centro Real do Ego ser idêntico ao do Eu Superior, tal como a vida da semente é essencialmente a vida da planta. Um dia se dará a revelação da verdade e o Homem descobrirá a existência da unidade da semente – "Ego" – com a planta, "Eu" –, porque se complementam nessa universidade, roteiro do conhecimento, chamada Vida.

Deste modo acontece que o Ego germina e cresce, desenvolvendo-se em planta tal como a semente contém a planta já em estado potencial.

Daqui se deduz que nessa altura o Ego e o Eu já eram Um em potência e que só quando o Ego se transformou pela aprendizagem regida pela evolução e atingiu a consciencialização dessa verdade, se libertou da ilusória dualidade, que é apenas um meio e não um fim, porque o fim a atingir evolutivamente ensinou-nos Jesus quando nos declarou: «Eu e o Pai somos Um» «E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.» (Jo 10,30), (Jo 8,32).

Quando se utiliza a palavra morte é apenas para identificar um facto de ausência de uma existência – a que se chamou morte – mas a morte propriamente dita não existe e, assim, o Ego não morreu; transformou-se, porque ele é um atributo da nossa individualidade – a alma – que, ao chegar à perfeição, não deixou de ser o que é com todos os atributos do Espírito e a sua identidade central, "o Ego", agora centrado nos superiores valores do Espírito.

Na célebre conversa com Nicodemos, diz Jesus: «Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus» (Jo 3,3) e, pelos vistos, o bondoso doutor da lei judaica não compreendeu o verdadeiro sentido.

E também em Mateus 16,25 diz Jesus aos seus discípulos: «Porque aquele que quiser salvar a sua vida, perdê-la-á e quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.»

Estes dizeres são padrão cósmico. São a verdade em termos de exemplo esotérico.

Tal como para que a borboleta ascenda à liberdade da luz teve que morrer a lagarta que era; e também, para que a planta exista naturalmente, morreu a semente. Mas nada morre, apenas tudo se transforma.

Porque tudo está em tudo e tudo influencia tudo. E nada pode ser excluído da criação.

E daqui se depreende que o Ego, na sua manifestação por vontade do Ser, se vai modificando à medida que a alma vai tomando consciência dos valores superiores do Espírito e, por tal motivo, se vai aperfeiçoando não só pela intelectualidade mas também e sobretudo pelas acções e pensamentos.

Jesus aborda vários conceitos espirituais aconselhando o Homem, na sua trajectória evolutiva, a aprender a razão de ser da vida, pois que para se perceber como tudo acontece necessário será conhecer as leis evolutivas da criação, porque não há milagres e sim leis que fazem parte da própria criação.

E podemos assim compreender o que representa o Homem não só perante Deus mas também no meio dos homens e no conjunto de tudo que foi creado.

O Homem chama milagre a tudo aquilo para que não encontra explicação científica, mas existem algumas leis intrínsecas na criação que é exigível conhecer para podermos perceber alguns dos paradoxos com que este mundo nos presenteia.

- A Lei da Evolução
- A Lei de Causa e Efeito
- A Lei da Reencarnação
- A Lei da Afinidade ou de Atracção
- A lei da Acção
- A Lei da Reacção
- A Lei da Interacção

O conhecimento alargado destas leis apresenta-nos toda uma criação cheia de lógica e racionalidade, de uma perfeição absoluta ou não fosse ela creada pelo Ser Absoluto: Deus.

O caminho para Deus não é apenas um trajecto místico mas também um caminho científico pois, a não ser assim, perguntaríamos a razão porque o Creador deu a inteligência ao Homem, sendo essa a razão porque toda a criação é lógica e racional e a inteligência humana dedutiva e muito ajudada pela intuição, porque todos os dias acontece "Fazer-se Luz".

Nesse sentido encontramos a razão porque toda a criação se encontra em dualidade para que o Homem possa ter elementos de comparação e perceber, através das complementaridades, o que é negativo e o que é positivo

Na sua missão de esclarecimento ensina-nos Jesus, em várias passagens, a presença da acção do Ego nas manifestações do homem em sociedade: «Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles. Do contrário não tereis recompensa junto de vosso Pai, que está no céu.» (Mt 6,1).

Para se perceber bem esta máxima de Jesus é necessário conhecer – pela análise das nossas acções, pensamentos e emoções provindos do nosso interior –, para verificarmos se são produto dos valores superiores do Espírito ou dos valores inferiores que servem a nossa alma ainda em ignorância, o Ego. Com isso se aprende a pro-agir, ou seja, a nunca deixar que o Ego actue instintivamente mas sim através da razão.

Por isso nos diz Jesus: «Vigiai e orai, para que não entreis em tentação: na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca.» (Mt 26,41).

De uma maneira geral o Homem em evolução ainda se rege objectivamente pelo mediático, porque ainda não possui a noção clara de si mesmo e naturalmente deseja ver-se reflectido no espelho de tudo aquilo que a sociedade estabeleceu como parecer bem.

A sua consciência apenas se manifesta no espaço físico-mental e, por via disso, necessita proclamar-se no âmbito considerado de boas obras para a satisfação de ver-se louvado e admirado como pagamento de ter praticado o que se considera ser prática de bem-fazer.

É a manifestação mercenária do Ego em plena acção da vaidade e do orgulho humano.

Quando se propaga aos quatro ventos qualquer obra meritória que façamos ou sombra de virtude que possuamos, elas perdem força e poder, esterilizam-se e banalizam-se.

O Ego, fiel aos valores do mundo, quando se não vê reflectido em qualquer acto que praticou, transmite ao seu possuidor, através da mente, a revolta decepcionante porque tem a imperiosa necessidade de ser enaltecido pelos outros.

Portanto ele necessita do mundo externo através da opinião pública, tornando-se escravo desse mundo porque está longe de possuir a autonomia e a segurança de si mesmo.

Ele depende dessas escoras e apoios externos para saber verdadeiramente a dimensão dos seus procedimentos, o que acciona automaticamente o seu Ego físico-mental-emocional em termos de orgulho, vaidade, superioridade e também despeito e inveja quando não é reconhecido o valor que julgava merecer.

Ele ilude-se por insuficiência da real consciência de si mesmo. Ele é todo exteriorização e, movido pelo intelecto, faz da ética grande alarde. O homem que se movimenta pelos valores do Espírito Divino, de consciência plena de si mesmo é, na sua interioridade, sobejamente rico, completo, sadio, não tendo necessidade de ser recompensado através do Ego, porque os seus olhos estão abertos para a realidade espiritual não confundindo o real com o irreal. Tem a exacta consciência de si mesmo.

Noutra altura diz-nos Jesus: «Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo, e aborrecerás o teu inimigo. Eu porém, vos digo: Amai a vossos inimigos, bendizei os que vos maldizem, fazei bem aos que vos odeiam, e orai pelos que vos maltratam e vos perseguem. Para que sejais filhos de vosso Pai que está nos céus; porque faz que o seu Sol se levante sobre maus e bons e a chuva desça sobre justos e injustos. Pois se amardes os que vos amam, que galardão haveis? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes unicamente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os publicanos também assim? Sede vós pois perfeitos, como é perfeito o vosso Pai que está nos céus.» (Mt 5,43-48).

À primeira vista esta assertiva de Jesus não tem um cariz ético tal como o compreende o Ego humano mas encontra-se inserido em bases metafísicas, pois teve em conta a harmonia da solidariedade cósmica proveniente da sabedoria da compreensão.

Para quem sabe, ter alguém um inimigo e ao mesmo tempo o visado tornar-se seu inimigo, coloca-os aos dois no plano cósmico negativo.

Se, pelo contrário, o visado não se assumir inimigo do ofensor, naturalmente fica no espaço cósmico positivo da luz e o ofensor, declarado inimigo, ocupará o espaço cósmico negativo das trevas.

Porque é sabido que a luz actua sempre construtivamente e as trevas destrutivamente. Deste procedimento, a luz no espaço cósmico positivo eliminará as trevas do espaço cósmico negativo e a harmonização será o seu resultado no momento certo.

Por isso está escrito que «A luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a prenderam.» (Jo 1,5) Porquê? Porque as trevas se extinguem em presença da luz.

Por tudo aquilo que Jesus disse e fez neste mundo interiormente compreendido através da ciência do Espírito, Ele foi a Luz que irradiou por todo o nosso planeta que era e ainda é trevas, as quais não conseguiram vencê-lo de forma alguma.

Em Jesus o seu Ego não teve qualquer poder negativo, porque já estava ao serviço dos altos valores do Espírito, embora ainda o tentasse porque estava na matéria, mas Jesus era Luz e a Luz venceu as Trevas.

Porque nos deixou dito: «*Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andar*á em trevas, mas terá a luz da vida» (Jo 8,12) e também: «Tenho-vos dito isso, para que em mim tenhais paz; no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, *Eu venci o mundo.*» (Jo 16,33).

É pois um convite que Jesus faz a todos os seus irmãos em humanidade, ou seja: segui a doutrina que vos trouxe e vivereis na luz, tende força e determinação e vencereis o mundo.

Para o ignorante do funcionamento da criação é difícil aceitar o que Jesus estabelece acima, porque alguém, ao ser ofendido, retorque de pronto a ofensa porque se acha injustiçado.

Desconhece que a Justiça Divina é infalível e que se recebeu uma ofensa foi porque tinha necessidade de viver essa idêntica ofensa para aprender consciencializando, vivendo o que custa ser ofendido e não voltar a ofender.

Só os Seres em condições positivas, os Filhos da Luz, podem ajudar os envolvidos negativamente e ainda presos às trevas, pois já têm a consciência de que não fazem nada que mereça prémio porque já foram ajudados por outros Filhos da Luz e porque apenas estão cumprindo com o seu dever de fraternidade cósmica.

Porque assim nos disse Jesus: «E qual de vós terá um servo a lavar ou a apascentar gado, a quem, voltando ele do campo, diga: Chega e assenta-te à mesa? E não lhe diga antes: Prepara-me a ceia, e cinge-te, e serve-me, até que tenha comido e bebido, e depois comerás e beberás tu? Porventura, dá graças ao tal servo, porque fez o que foi mandado? Assim também vós, quando fizerdes tudo o que vos for mandado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos somente o que deveríamos fazer.» (Lc 17,7-10).

O Ego, prisioneiro dos valores estabelecidos pela sociedade, nada faz sem cobrar neste mundo e, mesmo cobrando, nunca deixa de sentir que fez um favor.

Não tenhamos ilusões! O verdadeiro amor positivo vibra em altas frequências vibratórias o que lhe permite, pela Lei da Afinidade, ser envolvido no infinito amor universal.

Todo aquele que consegue abrir honestamente a sua alma a essa vibração altamente envolvente, recebe naturalmente a resposta de muitas almas sedentas de paz e de luz, que o ajudará na sua ascensão.

Pelo contrário, quando as nossas vibrações são negativas atraem, pela Lei da Afinidade, todas aquelas almas que vibram nessas frequências vibratórias cheias de sofrimentos correlativos ao estado negativo dos seus egos, o que nos leva a estados depressivos e infelizes.

Tudo no Universo vibra e nós fazemos parte desse Universo que é a criação, e o estado vibratório em que nos posicionamos evolutivamente é que determina a envolvência cósmica que nos assistirá.

Jesus veio ao mundo trazendo uma doutrina esclarecedora de qual o caminho de retorno a casa e, de uma maneira geral, na sua maior parte, os homens aderem e compreendem que é um caminho de amor e até falam de forma religiosa e convincente mas, mal se ligam aos afazeres deste mundo, tudo esquecem.

Estamos em presença daquele velho ditado: "Faz o que eu digo, mas não faças o que eu faço" ou ainda aquele mais objectivo que diz: "Não é pelo hábito que se conhece o monge".

O que garante a transformação necessária não é ouvir ou dizer. O que impulsiona o nosso crescimento é o *fazer* na convicção intensa e inabalável de chegar à verdade de Deus.

Muitos gostam de ouvir e sentem-se empolgados pelas palavras dos grandes mestres da Humanidade, mas ignoram a entrega, o estudo e os sacrifícios porque estes passaram para chegar àquela sabedoria.

Boas intenções apenas, embora necessárias, não chegam; são como areia movediça sobre a qual ninguém pode construir casa sólida e garantida.

Ouvir, ler, crer, decisões fugazes, tudo isso é ainda preliminar, área de ante-câmara, que pode levar o Homem a recuar, a desistir. Se não passar pela experiência vivida no mais íntimo da sua alma, mesmo que seja do tamanho de uma semente de mostarda, não terá a certeza da verdade Divina.

Isso sabia Jesus e quis que a posteridade o soubesse: «Nem todo aquele que me diz:

Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.» (Mt 7,21).

Por isso nos é narrado em João 12,37: «E, ainda que tivesse feito tantos sinais diante deles, não criam nele.»

Jesus conhecia perfeitamente todo o trajecto da ascensão da alma humana e, por conseguinte, não desconhecia a dificuldade que o Ser encontra para transformar a estrutura que forma a personalidade egocêntrica e por isso diz: «Hipócritas, bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os seus lábios, mas o seu coração está longe de mim. Mas em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos dos homens.» (Mt 15,7- 9).

Só a prática real e constante no dia-a-dia das nossas vidas cheias de renúncia e tenacidade garantem a experiência profunda da nossa alma que, a pouco e pouco, um dia, tal como um botão de rosa, abre as suas pétalas ao calor do Amor Divino.

Aconselhadamente assim nos deixou dito Jesus: «Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha.» (Mt 7,24).

Visto tudo estar perfeito na criação e tudo ter a sua razão de ser, o Ego Humano continua, tal como no passado, a ser a necessária resistência ao esforço da ascensão da nossa alma e, por isso, Jesus lhe chamou o Príncipe deste Mundo. No entanto, é bom que percebamos isto e, como Seres inteligentes e de livre arbítrio, saibamos como proceder para podermos realizar o desígnio Divino das nossas almas.

08-03-1983 Abrame